

Coronel Joaquim José Esteves Virtuoso
Dr. José Manuel Pessoa Milhano
Pupilos do Exército

1. Comentários Livres

É “Cidadão” quem pertence a um País onde há leis que protegem as pessoas e onde as pessoas além de clientes, têm deveres a cumprir, ou seja, quem pertence a um País politicamente organizado.

A palavra “cidadania” é ainda mais ampla porque abarca tudo:

O direito que todo o cidadão tem de exigir que os outros respeitem os seus direitos, que aceitem o BEM COMUM como mais importante que os interesses pessoais e que cumpram as obrigações impostas pela lei;

O dever que cada cidadão tem de respeitar os outros, de aceitar que o BEM COMUM é mais importante do que os seus interesses pessoais e de cumprir as obrigações que lhe são impostas pela lei;

O privilégio de pertencer a um ESTADO ORGANIZADO e a responsabilidade de contribuir para melhorar a vida de todos.

A Educação para a “cidadania” deve ser ministrada pelos “Directores de Turma”. Estes devem:

Ter uma preparação inicial a nível de Escola(s), no início do ano lectivo, antes da abertura das aulas, através de uma acção de formação;

Ter o seu horário acrescentado de um tempo semanal que conste da carga horária dos alunos.

A coordenação desta actividade deve ser atribuída aos “Coordenadores de Direcção de Turma” que deverão elaborar anualmente dois relatórios a serem presentes no Conselho Pedagógico, um na primeira quinzena de Janeiro e o outro na primeira quinzena de Julho.

A primeira responsabilidade desta formação compete à Família. A Escola não deve ser encarada como substituta, mas como complementar daquela.

“Objectivos” Estratégicos para o Ensino de Cidadania, no Ensino Secundário ¹

A educação para a cidadania deve ser assumida como um processo complexo, balizado por um conjunto de referências estratégicas fundamentais:

No âmbito interdisciplinar;

No desenvolvimento de competências cognitivas, afectivas e sociais;

Na aprendizagem e aplicação de direitos e responsabilidades;

Na capacitação de cada um para a acção e transformação sociais;

Nos valores da coesão nacional económica e social e na complementaridade entre a vinculação vertical (estado - Sociedade Civil) e interdependência horizontal (a coesão da comunidade).

Para além da Escola, devem participar também outras estruturas, a saber:

Clubes desportivos, culturais e de lazer;

Associações de Pais e Encarregados de Educação;

Associações de Estudantes do Ensino Secundário.

Matérias que deverão ser Focadas

Nação (para melhor compreensão do país em que vivemos);

Sociedade (para reflexão sobre os “direitos” e “responsabilidades” dos indivíduos);

Bem comum (tudo aquilo que pertence a um grupo ou contribui para satisfazer os interesses de uma comunidade);

Forças Armadas e Forças de Segurança (para conhecimento das suas missões e âmbito de actuação, na paz e em conflitos armados);

Defesa Nacional (o contributo de cada cidadão em prole do Serviço Militar Obrigatório / Forças Armadas Profissionais);

Voto (importância do voto como elemento chave da democracia, quando há eleições livres e sérias, nos países democráticos);

Meio Ambiente (necessidade de todos colaborarem na defesa do Planeta Terra).

¹ Em Escolas Públicas, Privadas, Cooperativas e Confessionais.

Áreas a Privilegiar

Valores gerais:

Sentido de Responsabilidade;
Comportamentos de “solidariedade” e de “integração”;
Auto-estima;
Camaradagem;
Patriotismo.

Personalidade «moral»:

Dignidade;
Lealdade (na família e no grupo);
Valor da “palavra”;
Frontalidade.

Aptidão «técnica»:

Liderança (através de formação específica, onde se considerem o Ideal, a Coragem, o Espírito de Decisão, o Espírito de Disciplina, o Sentido da Realidade, o Carácter e as Qualidades Intelectuais e Profissionais);
Preocupação com o ambiente;
Virtudes sociais e competências cívicas².

Resumo

Primado do colectivo sobre o individual, com “RESPEITO PELAS GRANDES REFERÊNCIAS”.

2 Educação para a cidadania / Ministério da Educação / departamento do Ensino Secundário / Dez 2001 / páginas 25 a 33.

Considerações Finais

“A verdadeira fonte dos direitos é o dever”

Mahatma Gandhi

“A comunidade escolar precisa de uma orientação que reforce
a autonomia e convivência dos seus membros,
a formação do carácter e os valores da democracia”

Mendo Rodrigues

João Reis

Arlindo Rodrigues

Filipa Cunha

Major-General Tavares de Almeida
Director do Colégio Militar

Professores do Colégio Militar

1. Comentários Livres

Estabelecimento de ensino com identidade e características próprias, o Colégio Militar (CM), ao longo dos seus duzentos anos de vida, tem-se distinguido como uma escola de excelência. Ao contrário de muitas instituições, soube o CM manter-se fiel aos princípios estabelecidos pelo seu fundador, Marechal Teixeira Rebelo, sem nunca ter estagnado no tempo! Conseguindo adaptar-se a todas as circunstâncias, muitas vezes adversas à própria existência, o CM tem-se distinguido como uma escola fiel às suas tradições, mas sempre aberta a inovações, antecipando-se às demais na aplicação de novos métodos pedagógicos e na evolução contínua do processo ensino/aprendizagem, bem como na inserção dos seus valores na formação dos alunos. Com um currículo alargado, tem o CM sabido impor-se como uma escola de referência em Portugal.

Quando tantas escolas têm criado os seus projectos educativos, partindo por vezes do zero, o CM sempre teve um projecto assente em múltiplos valores, no âmbito da formação, da educação e da pedagogia. Deste modo, quanto se dão os últimos retoques na redacção do Projecto Educativo do Colégio Militar, pouco mais se fez do que compilar e ordenar o que estava escrito, sem esquecer as práticas correntes do dia-a-dia e muitas das suas tradições. Contudo, foi este trabalho realizado com o tal espírito inovador a que o CM tem sido fiel e que o tem mantido como exemplo a seguir.

Procurando os valores que enformam o Projecto Educativo do Colégio Militar, considerados importantes na formação dos jovens, nada melhor que transcrever os dez princípios que constituem o Código de Honra que o aluno do CM deve respeitar e ter como guia da sua conduta:

- 1º Amar e honrar a Pátria;
- 2º Dignificar a farda que enverga;
- 3º Cultivar a disciplina;
- 4º Dedicar à sua formação todo o seu esforço e inteligência;

- 5º Ser verdadeiro e leal, assumindo sempre a responsabilidade dos seus actos;
- 6º Praticar a camaradagem sem denúncia nem cumplicidade;
- 7º Ser modesto no êxito, digno na adversidade e confiante face às dificuldades;
- 8º Ser generoso na prática do bem;
- 9º Repudiar a violência, a delapidação e o despotismo;
- 10º Ser respeitador, afável e correcto.

Estes princípios não são letra morta, pois estão bem visíveis em diversos espaços físicos do CM e sobretudo na aceitação e vivência dos seus alunos.

Pelo exposto se conclui que, no âmbito do CM, o principal agente de socialização seja a própria escola, atendendo sobretudo ao seu regime muito particular de internato, apoiado em símbolos e códigos de identificação, no sentido de família colegial, no espírito de corpo e no primado do colectivo sobre o individual, claramente expresso no lema “Um por todos todos por um”.

Certo é que se deve considerar ainda a família como agente de socialização complementar, com bastante influência sobre os alunos.

Para além da escola e da família e tendo em conta qualquer estabelecimento de ensino, os média são outro agente de socialização relevante na educação dos jovens. Outro agente importante que, ao longo de muitos anos, cumpriu uma função nobre, suprimindo muitas lacunas da educação cívica, é o serviço militar obrigatório, actualmente em vias de extinção...

Quantas escolas procurarão, séria e efectivamente, inculir nos alunos o amor à Pátria e o respeito pela Bandeira Portuguesa e pelo Hino Nacional? São sentimentos que o serviço militar transmite aos jovens que o prestam e que os alunos do CM manifestam espontaneamente, enquanto alunos e ao longo da sua vida, nas mais diversas circunstâncias.

Finalmente, resta tecer algumas considerações sobre o “Carácter, Liderança e Cidadania”, tendo em conta o Colégio Militar.

Embora o carácter seja um aspecto bastante relacionado com a carga genética individual, é altamente influenciado pelo meio social. É aqui que entra a função moldante do CM que, sem desprezar a maneira de ser e de agir de cada aluno, vai incrementando a honradez, a seriedade, o sentido da responsabilidade, o valor da palavra, o espírito de abnegação, a franqueza e frontalidade, a camaradagem e lealdade, o respeito pelas grandes referências, a defesa dos valores institucionais, a coerência e firmeza nos actos e nos ditos,

bem como o entendimento da necessidade da disciplina e da ordem e o culto de valores elevados, tais como a beleza, a verdade e a paz.

No referente à liderança, apesar das já referidas diferenças individuais, esta é aceite de uma forma fácil pelos alunos do CM, porque estes comungam das mesmas afinidades, relativamente aos grandes ideais e princípios universais e institucionais. A camaradagem praticada, a componente lúdica do convívio e as atitudes individuais e colectivas assumidas pelos alunos são garante da aceitação da liderança, como algo natural, o que desenvolve a capacidade crítica, a necessidade de competência e uma maior exigência e sacrifício. Esta capacidade de liderança, que vai sendo desenvolvida e assimilada ao longo do curso, culmina com as funções de comando atribuídas aos alunos finalistas, sob a supervisão dos seus educadores. É uma experiência com frutos bem visíveis, já que essa capacidade de liderança acompanha os ex-alunos e se reflecte inevitavelmente na sociedade portuguesa. E todos eles se orgulham de exibir na lapela a Barretina, símbolo colegial do espírito que os une, tal como o "Zacatraz", grito uníssono que se ouve em ocasiões festivas.

No CM os alunos adquirem um conjunto de valores indispensáveis à formação de Homens e Portugueses válidos, isto é, de verdadeiros cidadãos. Chegamos assim ao conceito de cidadania, cuja dimensão está na capacidade de se ser cidadão, ou seja, de cada um ser capaz de se integrar conscientemente na sociedade em que está inserido. No CM, essa condição de cidadania é desenvolvida pela emancipação precoce do aluno interno que, ainda muito jovem, tem de resolver os seus próprios problemas. A descoberta do mundo colegial e o espírito de corpo, de que os alunos tanto se orgulham, ajudam a robustecer essa cidadania, parte integrante de uma cultura institucional que o CM guarda e transmite. Basta olharmos para as páginas da nossa História, nos seus diversos ramos, para vermos a plêiade de homens ilustres saídos do CM e de cujos feitos a Pátria tanto se orgulha.

Irmão António Leal das Neves Jorge
Superior Provincial da Província Marista Portuguesa, Carcavelos

Desenvolvimento do Cárcer, Liderança e Cidadania no Projecto Educativo Marista

1. Introdução

Procurando as raízes históricas do Projecto Educativo Marista encontramos uma frase que, no pensamento do seu Fundador¹, resume o objectivo da Educação Marista: “Formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Para além da linguagem própria da época (e que, no entanto, não deixa de apresentar dimensões de intemporalidade), não é difícil encontrar os três valores que são objecto da nossa reflexão: carácter, liderança e cidadania. A ética (carácter) e a participação na construção da cidade (liderança e cidadania) encontram-se reunidas nesta fórmula que resume duas dimensões essenciais do homem: espiritual e social.

2. Comentários Livres

2.1 Dimensão de integralidade dos valores na Educação Marista

Antes de considerar a presença no Projecto Educativo Marista dos três valores acima referidos, quero colocar em foco a dimensão de integralidade subjacente ao seu conjunto, dimensão essa que faz parte também da Educação Marista. Esta busca educar o homem na sua globalidade, considerando todas as suas vertentes e respeitando-as de forma harmoniosa. Esse carácter integral da educação encontrou uma feliz síntese na expressão “bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Isto é importante que se tenha presente desde o início porque é a marca que atravessa todos os objectivos, estratégias e actividades subjacentes ao Projecto Educativo Marista. Mesmo quando, por razões metodológicas ou outras, o acento privilegia determinada dimensão, as outras nunca estão de todo ausentes, como adiante se verá nalguns exemplos ilustrativos.

1 Marcelino Champagnat (1789-1840), Lyon-França.

Feita esta premissa essencial, procurarei agora apresentar o modo como os princípios e práticas educativas maristas contribuem para o desenvolvimento do carácter, da liderança e da cidadania nos seus educandos.

2.2 *Os princípios*

Entre os objectivos da Escola Marista, destaco dois que evidenciam de modo muito claro a atenção aos valores que nos preocupam:

- Favorecer o desenvolvimento e enriquecimento das dimensões bio-psicológicas, socioculturais e religioso-morais dos alunos, tendo sempre como ponto de partida o Evangelho.
- Preparar os alunos para uma vida activa ao nível sociocultural, de modo a oferecerem o seu contributo pessoal na transformação da sociedade.

O Projecto Educativo Marista privilegia o papel fundamental da Comunidade Educativa. O Regulamento Interno afirma que “para bem educar uma pessoa, desde criança, não basta uma família harmoniosa: é preciso uma Comunidade Educativa” (RI, p.7). A Comunidade Educativa é formada pelos alunos, encarregados de educação, professores e demais funcionários. Mas, também os ex-alunos são considerados membros da Comunidade Educativa. A formação dada ao conjunto e aos grupos que compõem esta Comunidade, nomeadamente os não docentes, enfatiza a dimensão educativa inerente a todas as intervenções na vida escolar. Não há, na Escola Marista, momentos educativos e momentos neutros. “A cidadania vive-se, experimenta-se, aprende-se em cada momento da vida escolar” (RI, p. 7). Ainda nesta dimensão de globalidade, destaca-se o valor educativo do próprio ambiente do conjunto da escola: “O ambiente escolar deve ser um ambiente de boa camaradagem, de amizade e de respeito pelas ideias, convicções e opções pessoais, a não ser que sejam claramente nefastas e contrariem a orientação geral definida pelos órgãos da Direcção do Estabelecimento” (RI, p. 10). O objectivo deste clima escolar e familiar é criar condições propícias ao desenvolvimento de todas as potencialidades do educando.

Tudo e todos estão comprometidos nesta tarefa. O Regulamento Interno chama a atenção para a importância que os educadores maristas e alunos (mais velhos ou colegas) têm na educação de cada criança ou jovem, em conjunto com os Pais ou Encarregados de Educação. Isto evidencia fortemente a responsabilidade pessoal (carácter), o papel de cada um (liderança) na construção deste objectivo comum (cidadania).

O Regulamento Interno consagra os Direitos e Deveres gerais dos alunos maristas (entre eles, o da participação e representação). Os alunos, em particular, desenvolvem a cidadania e a liderança através da participação nos órgãos escolares como o Conselho Pedagógico, na vida da escola através da Associação de Estudantes (com todo o processo de candidaturas e eleições que envolve) ou na construção da vida da turma. Cada turma tem, para além do habitual delegado de turma, delegado de Pastoral (dimensão religiosa), delegado de Cultura e delegado de Desporto. Isso significa todo um trabalho de formação e de participação que procura responder ao carácter integral da educação acima evidenciado.

2.3 As práticas

Através de alguns exemplos significativos, procurarei apresentar como os valores do carácter, da liderança e da cidadania são desenvolvidos na Escola Marista.

A Educação Moral

A Educação Moral, enquanto disciplina curricular, não é opcional na Escola Marista. Ela faz parte do seu *curriculum* efectivo e abrange todos os alunos na vertente informativa e formativa. Salvaguardando em absoluto o respeito pelas convicções e pelo caminho de crescimento pessoal, a Escola Marista, para além da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, oferece outras actividades que concorrem para a formação integral do aluno, como aulas de Formação Humana, ministradas pelo Director de Turma e o “Bom-Dia”, breve momento de interiorização no início do dia, sublinhando aspectos do lema orientador do Projecto Educativo. Nestes momentos de reflexão têm parte activa os alunos, quer orientando-os, quer mesmo concebendo-os.

A Escola Marista oferece ainda outras actividades de carácter opcional (catequese, grupos de vivência, celebrações, reflexões...) que propiciam a interiorização dos valores.

A Educação Moral não é responsabilidade apenas de um grupo de professores ou de determinadas disciplinas. Um exemplo disso é o “Dia de Turma”. É um dia especial, com programa próprio, normalmente passado fora do espaço do Colégio e visando fundamentalmente a integração grupal no interior da turma. O programa abrange várias dimensões e pode ser desenvolvido por qualquer professor da turma.

Actividades extracurriculares

No conjunto do seu *currículum* a escola oferece a possibilidade de o aluno frequentar actividades de enriquecimento curricular (música, desporto, dança, línguas, expressão plástica...) que visam oferecer espaços de educação nas diferentes dimensões do carácter. Na mesma linha se situam as Actividades de Tempos Livres proporcionadas nas férias e pausas escolares.

Atenção aos espaços e equipamentos

Na arquitectura e organização do espaço educativo procura-se criar condições que permitam a realização de actividades lúdicas complementares do desenvolvimento integral do aluno (equipamentos necessários, amplos espaços de recreio...)

Projectos de Solidariedade

É já uma prática habitual de cada turma o desenvolvimento de um projecto de solidariedade ao longo do ano. Embora havendo um conjunto de possibilidades que são apresentadas, cabe aos alunos de cada turma a concepção e execução dos projectos. Facilita-se o contacto directo com os destinatários dos projectos. O conhecimento mais alargado da sociedade, em particular das camadas mais desfavorecidas, cria nos alunos uma sensibilidade que pode ser o húmus de uma intervenção mais consistente numa fase posterior da sua vida pessoal e profissional.

As Olimpíadas Maristas

Entre as diversas manifestações de carácter desportivo que fazem parte do plano de actividades da escola, salientam-se as Olimpíadas. Sendo eminentemente desportiva, esta é uma actividade onde se integram e harmonizam as outras dimensões características da proposta educativa marista, nomeadamente a componente religiosa e cultural. A sua abertura a outras escolas - maristas e não maristas, de Portugal ou do estrangeiro - possibilita o conhecimento de experiências diferentes e alarga o círculo de participação na construção da sociedade. Cabe também dizer que não há alunos que sejam meros espectadores. Sem descuidar a qualidade, o aprimoramento e o talento, privilegia-se o desempenho de todos e de cada um, de modo a que todos se sintam valorizados e importantes na execução da actividade programada. A própria organização, nas suas diferentes articulações, inclui alunos mais velhos como monitores e colaboradores.

Este mesmo critério de participação generalizada está presente nas festas culturais de carácter global como, por exemplo, as que marcam a conclusão do ano lectivo.

Parcerias com o exterior

A Escola Marista abre-se à sociedade estabelecendo parcerias formais e informais com o objectivo de articular e inserir a proposta educativa no âmbito mais vasto para onde ele pretende preparar os alunos. Fomenta-se a presença dos encarregados de educação na escola (Associação de Pais, Clube dos Avós, Delegados de Pais para Pastoral e Desporto...), e estabelecem-se colaborações pontuais ou sistemáticas com instituições de carácter educativo. A cidadania extravasa o espaço da escola e abre-se ao seu espaço completo que é a construção da sociedade.

As práticas acima enunciadas permitem concluir não apenas a importância dos valores do carácter, liderança e cidadania no Projecto Educativo Marista, mas também conhecer alguns modos como eles são implementados. O valor do carácter está fortemente subjacente a toda a dimensão moral e ética que se procura cuidar particularmente. Por seu lado, a liderança encontra espaço de desenvolvimento nos diferentes âmbitos (desde a turma, ao ciclo e à escola) mas passando pela participação e valorização de todos. Por fim, a cidadania procura construir-se no dia-a-dia da escola e na vivência de especiais momentos de participação em diferentes níveis e âmbitos.

Os três valores, no seu conjunto, constituem valores nucleares da proposta marista em vista da formação do homem no seu todo: “bom cristão e virtuoso cidadão”.

Bibliografia

Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, Missão Educativa Marista: um projecto para o nosso tempo, EML, 2002.

Dr.^a Irene Moreira
Dr.^a Paula Silva
Externato Marista de Lisboa

Inquérito às Escolas

No passado, seria tudo mais fácil. No campo dos valores, predominavam a certeza e a ordem, e, a “diferença” era marginalizada, porque tudo era linear e uniforme. Hoje, está tudo diferente, os valores já não são os tradicionais, pelo menos na sua rigidez. Na escola, não obstante os avanços científicos e técnicos, a confusão é grande, gerando-se no ensino (e na própria sociedade) um sentimento de mal-estar - que terá de ser combatido, nomeadamente, através da “educação para os valores” -, que deixa perplexos pais, professores e estudantes.

“O que é que estive a fazer na escola?” “Para que é que eu estive a aprender?” são duas perguntas que se colocam a muitos jovens depois da escolaridade obrigatória.

A verdade é que a escola tem de ser capaz de dar resposta a essas questões, acentuando, cada vez mais, a educação em três vertentes: a instrução (aquisição de conhecimentos), a estimulação (desenvolvimento da personalidade do aluno) e a socialização (interiorização de condutas e valores para a vida em sociedade).

O ressurgimento do racismo e da xenofobia, o aumento da criminalidade, a violência e a falta de segurança na sociedade, a par de situações relacionadas com a droga, o alcoolismo e a indisciplina nas escolas, levar-nos-ão a formular outras questões: “Qual o papel da escola na sociedade do século XXI? De que forma pode contribuir para uma educação do carácter, da liderança e da cidadania?”

A escola como instância de socialização, e propícia para assegurar finalidades sociais e éticas na formação dos recursos humanos, com que o país contará neste século, assume um papel decisivo na formação de cidadãos num contexto de participação democrática e consciente na vida pública - exigindo-se-lhe, pois, que contribua para um desenvolvimento global e integrado dos jovens.

A proposta apresentada pelo “programa cognitivo-desenvolvimentista” (Lawrence Kohlberg, Damon e Power) considera que os alunos precisam da direcção dos adultos e necessitam de adquirir bons hábitos de conduta moral, mas sem pôr

em causa o desenvolvimento do seu raciocínio moral. O professor, que se assume como educador moral, desempenha um papel central no desenvolvimento moral dos alunos.

O mais importante desta abordagem é a transformação da escola num local onde os alunos participam na tomada de decisões. É, por isso, fundamentalmente uma via não endoutrinante, mas actuante.

Vivendo nós num Estado de Direito democrático justifica-se a tomada de posição a favor de alguns valores morais, próprios de uma democracia pluralista preocupada com o bem-estar e a justiça. É assim que a *LBSE* se pronuncia claramente, na sua letra e no seu espírito, quanto à inequívoca consagração da *tolerância*, da *cooperação*, a defesa da livre troca de opiniões, o espírito crítico, a responsabilidade, a autonomia e a *solidariedade*.

Neste contexto, o sistema educativo organiza-se de forma a:

- contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português, no quadro da tradição universalista europeia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre todos os povos do mundo;
- contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação de carácter e da cidadania preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico;
- assegurar a formação cívica e moral dos jovens;
- assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e da valorização dos diferentes valores e culturas (...);
- contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias" (*LBSE*, art. 3º).

Olhando agora um pouco mais de perto a letra da *LBSE*, dela se retiram os valores "espirituais, estéticos, morais e cívicos" (art. 3º/b).

Surgem, em primeiro lugar, os valores “espirituais”; (dado que pedem-nos para formar indivíduos íntegros com personalidade e carácter); em segundo lugar, os valores “estéticos” (pedem-nos que esses mesmos indivíduos cresçam de forma plena e harmoniosa); em terceiro lugar, os valores “morais”, (pede-se à escola pessoas bem formadas, tolerantes, responsáveis, respeitadoras, solidárias e empenhadas na mudança); por fim, e em quarto lugar, vêm os cívicos (querem cidadãos livres, autónomos, com espírito democrático, de cooperação, e pluralista).

Constatamos, assim, que a educação não é um processo alheio a valores, mas estes não podem deixar de ser os já consagrados e que, constitucionalmente, se consagram na seguinte trilogia:

- desenvolvimento da personalidade de cada pessoa;
- contribuição para o progresso social;
- participação na vida da colectividade.

Se, por um lado, a Escola não se pode demitir da sua responsabilidade (educar o carácter, a liderança e a cidadania), por outro, não é única no desempenho desta função, pois, existem outros agentes igualmente responsáveis por essa tarefa.

Metodologia

O instrumento de análise considerado é um inquérito, por questionário. Não se trata de uma pesquisa que vise qualquer intenção de generalização, pode acaso vir a servir como ponto de partida para um futuro desenvolvimento desta problemática, mas a sua intenção é a de permitir um conhecimento das representações do universo estudado que podem dar corpo, no futuro, a uma proposta de intervenção educativa. Efectivamente, o Universo considerado resume-se a algumas escolas, públicas e privadas que aceitaram responder ao nosso inquérito.

Assim, o Universo é composto por dezassete (17) escolas¹ que foram inquiridas através de um questionário estruturado com perguntas semi-abertas (recolheram-se exactamente

1 E.B.D. Francisco Manuel de Melo; E.B.2,3 Sá Couto; E.B. 2,3 João Gonçalves Zarco; E.B.2,3 Prof. Lindley Cintra; E.B. 2,3 Pintor Almada Negreiros; E.B. 2,3 Gaspar Correia; Externato Marista de Lisboa; Instituto de Odivelas; Instituto Militar dos Pupilos do Exército; Escola Secundária da Amadora; Colégio Militar; Colégio Valsassina; Colégio Planalto; Escola Secundária de Leal da Câmara; Agrupamento de Escolas-Lamego; Escola Secundária Lima de Freitas; Escola Secundária José Gomes Ferreira.

17 questionários úteis). O questionário foi orientado de acordo com 3 dimensões: numa primeira bateria de questões procura-se avaliar quais os valores mais importantes na formação dos jovens; numa segunda dimensão procura-se saber quais os valores presentes no Projecto Educativo (PE) da escola e no seu Plano Anual de Actividades (PA) e finalmente, numa terceira bateria, procura-se saber quais os agentes de socialização mais relevantes (os mais importantes e os que têm maior influência na educação dos jovens). Neste sentido, os valores que se constituem como variáveis de pesquisa, resultam da interpretação literal da Lei de Bases do Sistema Educativo, nomeadamente nos artigos 2º - Princípios Gerais - e 3º - Princípios Organizativos.

Resultados dos Inquéritos

Questão nº 1 “Valores mais importantes na formação dos jovens”

A esta questão, responderam considerar como valores mais importantes na formação dos jovens, os valores morais (38%), seguindo-se os valores cívicos (35%), e espirituais (25%).

Dos valores morais mais referidos pelos entrevistados, salienta-se a Solidariedade, como valor mais importante. (27%).

Em relação aos valores cívicos, os entrevistados consideram a Responsabilidade e o Respeito como valores mais significativos, assumindo 27% e 17%, respectivamente.

Nos valores espirituais, é o Trabalho o mais valorizado (25%).

Questão nº 2 “Agentes de Socialização influentes”

À pergunta “Quais os agentes de socialização com maior influência na Educação dos jovens”, os inquiridos responderam serem a Família e a Escola, com igual importância, cerca de 33%, considerando, no entanto que outros agentes são também influentes na educação da juventude, como sejam o Grupo de Amigos (11%) e os *Mass Media* (11%).

Questão nº 3 “Agentes de socialização importantes”

Perante a pergunta “Quais os agentes de socialização considerados importantes e relevantes na Educação dos jovens”, os entrevistados responderam considerar como

agentes mais importantes a Família (21%), os *Mass Media* (18%) e as Organizações Religiosas (18%), seguindo-se a Escola (9%) e as Organizações Desportivas (9%).

Questão nº 4 “Valores presentes no Projecto Educativo”

À pergunta “Quais os principais valores presentes no Projecto Educativo” os inquiridos sublinharam, com valores mais importantes, os valores Cívicos (43%), salientando a Responsabilidade (31%), a Liberdade (15,4%) e Autonomia (15,4%).

Seguem-se os valores morais (38%) e espirituais (22%), sendo que nos primeiros a Solidariedade (47,4%) e a Tolerância (21%) assumem os valores mais significativos. Dos valores espirituais, considerados presentes no Projecto Educativo, foram apontados o Trabalho (23%), a Verdade (15,4%), a Disciplina (15,4%) e a Integridade (15,4%).

Questão nº 5 “Actividades do Plano Anual que mais contribuem para a educação para os valores”

Nesta questão, os entrevistados referiram as actividades de âmbito disciplinar (visitas de estudo, conferências, exposições) - 40%, actividades desportivas (16%), culturais (14%) e actividades religiosas (8%).

Dr. António Romero Sanchez
Colégio Planalto, Lisboa

Educação personalizada: carácter, liderança e cidadania

1. Valores considerados mais importantes na formação dos jovens

A nossa escolha surge da combinação de valores aceites universalmente, como são a liberdade, a igualdade e a solidariedade, e outros que hoje em dia aparecem como valores emergentes na nossa sociedade.

A **liberdade** entendida como **autonomia**. Autonomia que, partindo de um conhecimento próprio, os leve a ter domínio de si e a manifestar-se tal como são, adquirindo uma maturidade, manifestada no uso responsável da liberdade. Autonomia que se manifesta também na aquisição de critério próprio, de espírito crítico, capaz de tomar decisões, com iniciativa. Se temos em conta que toda liberdade traz consigo responsabilidades e que o homem só se faz homem em sociedade, não podemos deixar de indicar a **participação** como uma componente essencial dessa liberdade.

O princípio supremo da ética moderna, que ninguém se atreve a derrogar, pelo menos de palavra, é o da igual dignidade de todos os seres humanos. Tomando como base o reconhecimento da **igualdade** do outro surge como um valor importante o **respeito** pelos pontos de vista dos outros e o **diálogo**.

Também, tomando como ponto de apoio esta igual dignidade de todos os seres humanos e a importância que na nossa sociedade se atribui ao **trabalho**, consideramos importante educar neste valor mas fazendo finca-pé na necessidade de aumentar o seu nível de competência para poder colocá-la ao serviço dos outros. Formar os jovens para um trabalho cooperativo. "A forma de cooperação é a que mais enaltece o homem, pois fá-lo sentir-se responsável e respeitado na sua personalidade" [Nerici 1983].

Adentramo-nos no terceiro valor, a **solidariedade**. Solidariedade que tem como base a justiça, mas que a ultrapassa. Que nos deve levar a um comportamento cidadão tanto a nível local como universal.

2. Agentes de socialização de maior influência sobre os jovens

A crise da sociedade familiar e o desprestígio da escola fazem com que os meios de comunicação social (audiovisuais e escritos) e os grupos de amigos tenham hoje em dia uma maior influência socializadora nos jovens. Assistimos à proliferação de programas de televisão e de revistas orientadas para os jovens onde se transmite a ideia de uma sociedade habitada por indivíduos livres de qualquer travão, mimados de promessas, armados de múltiplos direitos legais, inundados de possibilidades de consumo, e não obstante mais súbditos do que cidadãos.

Efectivamente, perante a deficiente actuação dos dois mais importantes agentes de socialização, a família e a escola, os efeitos destes outros dois originam que a balança da socialização se incline para a permanência das estruturas existentes mais do que para a progressão e aperfeiçoamento da sociedade. Provoca, em termos de psicologia da aprendizagem, que o sujeito forme predominantemente um comportamento adaptativo ou modificado, em detrimento do comportamento operante ou modificador.

Para equilibrar a balança e que se realize uma correcta socialização dos jovens, a escola deve organizar-se pensando nas possibilidades que oferece a vida de grupo, de forma que os jovens possam conquistar a sua autonomia espiritual, e desta forma integrar-se, posteriormente, como membros activos da sociedade [Reymond-Rivier 1971]. A vivência no grupo de amigos ensina a criança a defender-se, dominar-se, valorar-se, confiar-se e inspirar confiança, ajudar, mandar, e obedecer, atitudes e reacções de grande transcendência na sua posterior adaptação social. Entendemos que a escola é a peça fundamental na edificação da personalidade social do jovem: nela aprende todos os valores do sistema social e encontra a chave que lhe facilitará a entrada nesse mundo.

Em todo o caso é preciso ter presente que as instituições de socialização secundária raras vezes podem substituir ou sarar os defeitos de uma socialização primária errada. Daqui o papel primordial que terá de desempenhar a família - também a escola - na efectividade do processo de socialização do indivíduo [Rosa Acosta 1977].

3. Agentes de socialização considerados mais importantes na educação dos jovens

A família é o âmbito próprio e mais profundo da formação da pessoa: as atitudes ante a vida, o uso responsável da liberdade e, em geral, o desenvolvimento da personalidade

forjam-se no seio da família. Também na família se aprendem os valores sociais e comunitários que põem de manifesto que a formação moral nunca é “individualista”. O pai e a mãe são os primeiros e principais educadores da consciência dos seus filhos. À escola compete uma tarefa subsidiária que potencialize a acção educativa dos pais. O amor, a confiança e o agradecimento favorecem a formação moral e são condições básicas de um ambiente autenticamente educativo.

Sabemos que na educação moral as crianças desenvolvem personalidades mais sãs com os outros, se aqueles que se ocupam deles forem carinhosos e coerentes, se forem idóneos e sensíveis às indicações da criança. A formação dos pais é um tema chave. Formar os pais para educar um filho é uma componente crítica num programa exaustivo de educação moral [Berkowitz 1995].

A família, célula primária da sociedade, tem um enorme potencial educador até no meio de ambientes completamente adversos. A tarefa da escola consiste em potenciar o protagonismo activo dos pais, ajudá-los a desenhar o projecto educativo pessoal que queiram para o seu filho ou filha, e assessorá-los com os meios mais adequados para o levar a termo.

Por isso é indispensável que os pais estejam dispostos a levar à prática na vida familiar uns critérios básicos coincidentes com os da escola, porque de outra forma a incoerência entre os dois âmbitos naturais da educação prejudicaria o aluno, e os esforços para o ajudar a melhorar na sua preparação pessoal e a fortalecer a sua vontade resultariam pouco eficazes.

4. Os valores no Projecto Educativo do Colégio Planalto

No Projecto Educativo do Colégio Planalto é possível identificar uma série de valores fundamentais, que constituem pontos de referência para toda a actividade implicada na formação dos alunos. Seguindo os estudos realizados por Victor Garcia Hoz [Garcia Hoz et al. 1994] estes valores constituem-se num elenco de virtudes nucleares, em volta das quais se anexam as restantes.

Em primeiro lugar podemos pensar na tendência fundamental do homem à felicidade, à complacência na participação no bem, isto é, a procurar a alegria em qualquer acto que realiza. A **alegria** é a síntese das aspirações do homem. Para além da alegria, que é fruto da vida conforme à virtude, consideramos quatro núcleos de virtude, cada um dos quais representa um tipo de disposições humanas para enfrentar a vida e actuar no mundo:

Ordem - Autodomínio; Trabalho - Esforço; Solidariedade - Generosidade; Maturidade - Responsabilidade.

A aprendizagem dos valores no Colégio Planalto, parte do princípio de que a educação moral tem componentes cognitivos, volitivos, afectivos e comportamentais. É uma aprendizagem na qual se pretende potenciar o desenvolvimento do raciocínio moral e a ordenação da afectividade, fortalecidas pela aquisição de virtudes através da actuação. Pretende-se desta forma integrar a razão, a vontade e o sentimento em cada actuação da pessoa.

Esta aprendizagem e incorporação dos valores faz-se, fundamentalmente, através da experiência, facilitada pela participação dos alunos no seu processo educativo. A acção, fruto da reflexão, fomenta atitudes profundas e é o principal critério educativo na formação de virtudes. Por esta razão os meios utilizados são fundamentalmente participativos: Reunião de Turma, Conselho de Alunos, Encargos dos Alunos na turma, Actividades de Acção e Serviço Social.

5. Bibliografia

Berkowitz, M.V., "Educar la persona moral en su totalidad", Revista Iberoamericana de Educación, 8, 10-25, (1995).

García Hoz, V. et al., La orientación en la educación institucionalizada. La formación ética. Rialp, Madrid, 1994.

Nérci, I.G., Hogar, Escuela y Educación, T.A.P.A.S., Córdoba (Argentina), 1983.

Reymond-Rivier, B., El desarrollo social del niño y del adolescente, Herder, Barcelona, 1971.

Rosa Acosta, B., "La familia y la escuela como instituciones socializadoras", Bordón, 216, 43-59, (1977).